

Comunicação, Cidadania e Movimentos Sociais

Perspectivas contemporâneas da participação cidadã

Caroline Kraus Luvizotto e Isabel Ferin Cunha (Orgs.)

Prefácio: Piero Dominici



Caroline Kraus Luvizotto
Isabel Ferin Cunha
(Orgs.)

Comunicação, Cidadania e Movimentos Sociais

Perspectivas contemporâneas da participação cidadã

Prefácio Piero Dominici

Ria Editorial - Comité Científico

Abel Suing (UTPL, Equador)
Alfredo Caminos (Universidad Nacional de Córdoba, Argentina)
Andrea Versuti (UnB, Brasil)
Angelo Sottovia Aranha (Universidade Estadual Paulista – UNESP, Brasil)
Anton Szomolányi (Pan-European University, Eslováquia)
Carlos Arcila (Universidad de Salamanca, Espanha)
Catalina Mier (UTPL, Equador)
Denis Porto Renó (Universidade Estadual Paulista – UNESP, Brasil)
Diana Rivera (UTPL, Equador)
Fatima Martínez (Universidad do Rosário, Colômbia)
Fernando Ramos (Universidade de Aveiro, Portugal)
Fernando Gutierrez (ITESM, México)
Fernando Irigaray (Universidad Nacional de Rosario, Argentina)
Gabriela Coronel (UTPL, Equador)
Gerson Martins (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Brasil)
Hernán Yaguana (UTPL, Equador)
Jenny Yaguache (UTPL, Equador)
Jerónimo Rivera (Universidad La Sabana, Colombia)
Jesús Flores Vivar (Universidad Complutense de Madrid, Espanha)
João Canavilhas (Universidade da Beira Interior, Portugal)
John Pavlik (Rutgers University, Estados Unidos)
Joseph Straubhaar (Universidade do Texas – Austin, Estados Unidos)
Juliana Colussi (Universidad do Rosario, Colombia)
Koldo Meso (Universidad del País Vasco, Espanha)
Lorenzo Vilches (Universitat Autònoma de Barcelona, Espanha)
Lionel Brossi (Universidad de Chile, Chile)
Maria Cristina Gobbi (Universidade Estadual Paulista – UNESP, Brasil)
Maria Eugenia Porém (Universidade Estadual Paulista – UNESP, Brasil)
Manuela Penafria (Universidade da Beira Interior, Portugal)
Marcelo Martínez (Universidade de Santiago de Compostela, Espanha)
Mauro Ventura (Universidade Estadual Paulista – UNESP, Brasil)
Octavio Islas (Pontificia Universidad Católica, Equador)
Oksana Tymoshchuk (Universidade de Aveiro, Portugal)
Paul Levinson (Fordham University, Estados Unidos)
Pedro Nunes (Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Brasil)
Raquel Longhi (Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Brasil)
Ricardo Alexino Ferreira (Universidade de São Paulo – USP, Brasil)
Sergio Gadini (Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, Brasil)
Thom Gencarelli (Manhattan College, Estados Unidos)
Vicente Gosciola (Universidade Anhembi Morumbi, Brasil)

Comunicação, Cidadania e Movimentos Sociais: Perspectivas contemporâneas da participação cidadã. Caroline Kraus Luvizotto & Isabel Ferin Cunha (Orgs.). - 1a edição - Aveiro: Ria Editorial, 2020.

360 p.

Livro digital, PDF.

Arquivo Digital: download e online
Modo de acesso: www.riaeditorial.com
ISBN 978-989-8971-28-9

Prefácio Piero Dominici

1. Comunicação. 2. Cidadania. 3. Movimentos Sociais. I. Luvizotto, Caroline Kraus. II. Cunha, Isabel Ferin. III. Título.

Copyright das imagens pertencem aos seus respectivos autores.

© Design e Foto de Capa: Denis Renó

Diagramação: Luciana Renó

© Ria Editorial
Aveiro, Portugal
riaeditora@gmail.com
<http://www.riaeditorial.com>



Licença:

>: Atribuição - Não Comercial - Sem Obras Derivadas 4.0 Internacional

>: Você é livre para:

- copiar, distribuir, exibir, e executar a obra

Baixo as seguintes condições:

- Atribuição. Você deve atribuir a obra na forma especificada pelo autor ou o licenciante.

- Não Comercial. Você não pode usar esta obra com fins comerciais.

- Sem Obras Derivadas. Você não pode alterar, transformar ou criar sobre esta obra.

<https://creativecommons.org/licenses/?lang=pt>



ESSA OBRA FOI AVALIADA INTERNAMENTE E EXTERNAMENTE POR PARECERISTAS

Todos os textos foram avaliados e seleccionados pelos organizadores da obra. Os comentários dos organizadores foram enviados aos autores, que, mediante a aprovação, receberam tempo hábil para eventuais correcções.

O livro foi posteriormente avaliado e aprovado pela avaliador externo Dr. Abel Suing que informou parecer positivo à publicação da seguinte forma: “O texto reúne 13 obras sobre comunicação, atletismo, mídia, regulação, movimentos sociais e desenvolvimento. Constitui um contributo para a compreensão dos fenómenos emergentes que configuram a participação dos cidadãos na formação da opinião pública, o enquadramento das tecnologias de comunicação nos modelos institucionais que devem garantir o bem-estar e a segurança das pessoas. O objetivo dos autores é identificar as condições para o exercício dos direitos dos cidadãos com base na liberdade de expressão. Os textos obedecem às formalidades académicas dos trabalhos de pesquisa, são redigidos de forma concisa, as premissas de cada estudo são apoiadas por bibliografia atualizada e específica, nos casos pertinentes as metodologias e instrumentos de pesquisa são detalhados, há também uma relação com os recursos digital e Web de realizações concretas que acompanham os estudos de caso”. O parecer foi enviado previamente ao lançamento.

Autores

Alana Nogueira Volpato

Ana Carolina Trindade

Ana Cristina Consalter Amôr

Ana Elizabeth de Almeida Gomes

Carolina Castellitti

Caroline Kraus Luvizotto

Cintia Barudi Lopes

Daniel Martínez-Ávila

David Renault

Deise Maria Antonio Sabbag

Denise Cristina Belam Fioravanti

Elizabeth Arruda de Azevedo

Érika Alfaro de Araújo

Fernando Borges

Flávia Piva Almeida Leite

Francisco Arrais Nascimento

Isabel Ferin Cunha

Laura Botosso Gomes da Silva

Lucas Arantes Zanetti

Luiz Felipe Sardinha Bonfim

Luiza Costa Melo

Marcia Marques

Maria Carolina S. R. Vieira

Mauro de Souza Ventura

Milena Carolina de Almeida
Naíde Feijó Müller Cajado Caldeira
Pedro Berti
Rafael de Castro Macedo
Rafaela Carolina da Silva
Raquel Guilherme de Lima
Raquel Lourenço
Rosângela Formentini Caldas

Sumário

Prefazione.....	13
<i>Prof. Piero Dominici</i>	
Prefácio.....	21
<i>Prof. Piero Dominici</i>	
Apresentação.....	29

Comunicação, Cidadania e Movimentos Sociais Perspectivas contemporâneas da participação cidadã

Mídia, Regulação e Movimentos Sociais em Portugal.....	37
<i>Caroline Kraus Luvizotto</i>	
<i>Isabel Ferin Cunha</i>	
Types of Development in Society and Hybrid Libraries.....	66
<i>Rafaela Carolina da Silva</i>	
<i>Rosângela Formentini Caldas</i>	
Democratização da Comunicação no Contexto da Mídiação: o que Muda para os Movimentos Sociais?.....	84
<i>Alana Nogueira Volpato</i>	
<i>Ana Carolina Trindade</i>	

Navegando a Onda de Ativismo no Desporto: um Estudo Exploratório das Manifestações Recentes..... 108

Fernando Borges

Cidadania, Acessibilidade e Direitos Culturais das Pessoas com Deficiência: Reflexões a partir da Pandemia de Covid-19 133

Flávia Piva Almeida Leite

Cintia Barudi Lopes

A Transparência e a LAI no Acompanhamento da Gestão Pública Local: um Estudo sobre o Conselho do Município de Bauru..... 152

Ana Cristina Consalter Amôr

Pedro Berti

Maria Carolina S. R. Vieira

Deliberação, Jornalismo e Mídiação: uma Análise do Debate Informal sobre o Caso “Fabrício Queiroz”..... 172

Lucas Arantes Zanetti

Laura Botosso Gomes da Silva

Milena Carolina de Almeida

Feminismo e os Movimentos Sociais: uma Análise da Produção Acadêmica acerca do Feminismo no Brasil 193

Denise Cristina Belam Fioravanti

Francisco Arrais Nascimento

Daniel Martínez-Ávila

Deise Maria Antonio Sabbag

Mídia Independente e Independência do Jornalismo: um Olhar sobre uma Rede em Busca de seus Caminhos..... 214

David Renault

Marcia Marques

Ana Elizabeth de Almeida Gomes

Who are the Contemporary Activists represented on
Portuguese TV News and what are They Fighting for? 239
Naide Feijó Müller Cajado Caldeira

Mulheres no Jornalismo Esportivo da Televisão Aberta Brasileira:
uma Análise do Programa Globo Esporte São Paulo 266
Érika Alfaro de Araújo
Mauro de Souza Ventura

“Prós e Contras” como Dispositivo Semiótico: Já Sabemos o que
Eles Vão Dizer? 293
Raquel Lourenço

Movimentos Sociais e Pandemia no Brasil de Bolsonaro 317
Carolina Castellitti
Elizabeth Arruda de Azevedo
Luiza Costa Melo
Luiz Felipe Sardinha Bonfim
Rafael de Castro Macedo
Raquel Guilherme de Lima

Os autores 345

Índice Remissivo 355

Navegando a Onda de Ativismo no Desporto: um Estudo Exploratório das Manifestações Recentes

Fernando Borges

O ano de 2020 ficará com certeza marcado nos livros de história. A crise sanitária resultado da pandemia de Covid-19 já seria suficiente para isso, contudo as ramificações políticas (sem falar nas económicas) associadas à pandemia também oferecem contornos que são marcantes. Assim, as eleições presidenciais dos EUA assumem um papel ainda mais dramático, na medida em que é o país com o maior número de vítimas e o Presidente em exercício, Donald Trump, nega a gravidade da pandemia. Como resultado, tem havido muitas manifestações em protesto que repercutem em outras esferas sociais e em outros países. No centro de algumas dessas manifestações globais estão atletas profissionais.

Desporto e política têm um relacionamento ambíguo. Se por um lado, há uma clara tentativa de se separar da política numa estratégia de neutralidade, por outro, é inegável as inúmeras vezes em o desporto foi usado como ferramenta política, de *soft power* e como palco de manifestações. O que se tem visto em anos recentes, mas com especial força em 2020, vem dessa tradição de atletas ativistas, tendo como principais ícones John Carlos e Tommie Smith com os punhos cerrados levantados nas Olimpíadas de 1968.

Muitos desses acontecimentos são recentes e ainda estão a ter consequências no presente. Dessa forma é difícil criar conceitos, generalizar posições e oferecer uma análise mais sólida. Apesar de não haver ainda um distanciamento temporal para uma análise sócio histórica, isso não deve impedir uma proposta de pesquisa para um tema que se mostra bastante importante e que ainda trará muitos desdobramentos para o futuro.

O objetivo deste capítulo é fazer um estudo exploratório da relação entre ativismo e o desporto. Num contexto em que as peças do tabuleiro ainda estão a mexer, e os caminhos ainda não estão tão sedimentados, vamos propor um mapeamento de um terreno complexo, indicando algumas possíveis rotas de estudo a desenvolver a partir do balizamento com base em casos selecionados de manifestações políticas por parte dos desportistas profissionais. Este capítulo está estruturado com base em dois marcos de referência (manifestações contra a injustiça racial e manifestações lideradas por mulheres) e em duas propostas de rotas que resultam da análise desses marcos.

Marco 1: Manifestações contra a Injustiça Racial

Na última década, o desporto tem sido palco para diversas manifestações políticas no âmbito da luta contra o racismo. Com maior incidência nos Estados Unidos da América, mas com efeitos no resto do mundo, as manifestações por parte dos atletas foi acompanhando o surgimento e crescimento do movimento *Black Lives Matter* (BLM), que começou como uma *hashtag*, por três ativistas dos direitos civis, Alicia Garza, Opal Tometi, e Patrisse Cullors, após o assassinato de

um jovem, Trayvon Martin, de 17 anos morto, que voltava para casa, na Flórida, por disparos de um segurança.

Este também foi um marco para alguns protestos por parte de jogadores da liga de basquete norte-americana (NBA). Na noite de sua morte, Trayvon vestia um casaco com capuz que foi usado como tema para uma foto em que todos os jogadores do Miami Heat, da NBA, liderados por Dwayne Wade e LeBron James, usam uma vestimenta semelhante, usando hashtags como “#WeAreTrayvonMartin”, “#Hoodies” e “#Stereotyped”, “#WeWantJustice.”” (Strauss, 2012), como forma de chamar a atenção para os estereótipos de jovens negros por parte das forças de segurança. Outros atletas também usaram as suas contas em redes sociais para publicar fotos usando capuz e dizendo “Eu sou Trayvon”. A NBA continuou a ser um espaço de manifestações contra a violência policial. Em 2014, diversos atletas, durante o aquecimento pré-jogo, usaram uma t-shirt com a frase “I can’t breathe”, que foi a última frase de Eric Garner, após morrer asfixiado por um policial (Adande, 2014).

O primeiro protesto presencial do Black Lives Matter foi organizado em 2014, na sequência da morte de Michael Brown, em Ferguson. Brown foi atingido por um disparo policial após ter sido impedido de roubar cigarros numa loja de conveniência. O corpo de Michael Brown ficou no chão por mais de 4 horas após os disparos. Para simbolizar o acontecimento e chamar atenção para a injustiça sistêmica, Ariyana Smith, jogadora de basquete, deitou-se no chão, durante 4 minutos e meio, após o hino americano. Este foi considerado o primeiro protesto de atletas pelo BLM (Cooky & Antunovic, 2020)

Em agosto de 2016, foi a vez da liga de futebol americano (NFL) se tornar o centro do debate sobre a violência policial e justiça racial nos

Estados Unidos. Colin Kaepernick, *quarterback* do San Francisco 49ers, decidiu se ajoelhar durante o hino nacional que precede os jogos. Na altura o atleta declarou que:

I'm going to continue to stand with the people that are being oppressed. To me, this is something that has to change. When there's significant change and I feel that flag represents what it's supposed to represent, and this country is representing people the way that it's supposed to, I'll stand [...] This stand wasn't for me. This is because I'm seeing things happen to people that don't have a voice, people that don't have a platform to talk and have their voices heard, and effect change. So, I'm in the position where I can do that and I'm going to do that for people that can't. (Thomas, 2016)

A cobertura mediática em torno do acontecimento tomou contornos nacionais e polarizados. O Presidente Donald Trump decidiu criticar Colin e outros atletas que protestavam durante o hino, taxando de desrespeito à bandeira e às forças armadas. A intervenção do Presidente teve como objetivo enquadrar a manifestação como algo negativa, tendo colocado em causa o futuro profissional de Kaepernick na NFL. Depois de terminar o seu contrato, ele não conseguiu uma nova equipa para jogar, tendo, posteriormente, entrado com um processo de conluio contra a liga, que acabou sendo encerrado após um acordo entre as partes que foi visto como uma vitória para o atleta (Boykoff & Carrington, 2020).

As ações de Kaepernick, assim como as dos jogadores da NBA e da WNBA, seguem uma longa tradição de atletas ativistas negros que lutaram pela igualdade racial nos Estados Unidos, que contam com nomes como Jackie Robinson, Bill Russel, Tommie Smith, John Carlos, Kareem Abdul-Jabbar e Muhammad Ali (Carrington, 2010). Entretanto, em 2020, os protestos de atletas contra o racismo e a violência contra negros

tomaram uma dimensão global, chegando inclusive à *Premier League* da Inglaterra. Seleccionamos aqui 3 casos que parecem ser mais interessantes por mostrar ousadia e o poder dos atletas.

Com a pandemia de Covid-19, a grande maioria das ligas profissionais desportivas encerrou a sua atividade. De acordo com as condições em cada país e a estrutura de cada liga, foram sendo encontradas soluções para a retomada. No caso da NBA e da WNBA, a proposta envolveu reunir todas as equipas, profissionais de media e outros envolvidos no espetáculo desportivo num complexo fechado e altamente controlado, que ficou conhecido como a “bolha”. Durante as conversas sobre a retomada, além das preocupações sanitárias, também houve o debate sobre a pertinência de voltar num momento em que muitos estavam a morrer por causa da Covid-19 e por causa da forma desigual que a população afro-americana estava a ser tratada. De um lado, havia jogadores que queriam boicotar o retorno e outros que queriam aproveitar o retorno para usar a plataforma de jogo para mais manifestações (Zirin, 2020a).

Acabou prevalecendo a vontade da maioria que alinhou com a segunda proposta. No retorno à competição, estava pintado na quadra em grandes letras “BLACK LIVES MATTER”, enquanto os jogadores poderiam escolher frases para colocar nas costas de seus uniformes, onde antes estavam seus nomes. Eles poderiam escolher manter os seus nomes ou seleccionar uma das 29 frases pré-seleccionadas, com a opção de usar a sua língua materna para os jogadores estrangeiros. Dentre as 29 opções, algumas eram: “*Black Lives Matter*”; “*I Can’t Breathe*”; “*Justice*”; “*Peace*”; “*Equality*”; “*Say Her Name*”; “*Anti-Racist*” (Wallace, 2020).

Depois de retomada, a continuidade da competição ficou em causa quando o Milwaukee Bucks decidiu não entrar em quadra para o jogo 5

dos *playoffs* contra o Orlando Magic, em 26 de agosto de 2020. Esta ação foi repetida pelo Milwaukee Brewers, da liga de Basebol americana, e depois por equipas de outras ligas. As equipas se recusavam a jogar em solidariedade e como pedido de justiça pela morte de Jacob Blake, baleado sete vezes nas costas pela polícia (Zirin, 2020b). Depois de mais uma ronda de negociações entre os jogadores e o sindicato dos atletas, decidiu-se pela continuidade da competição, embora, desta vez, tenha havido mais pessoas contra o retorno.

Mais do que um movimento dentro dos Estados Unidos, o Black Lives Matter acabou por fazer eco em atletas de outras nacionalidades e outras modalidades. Entre eles, dois negros em modalidades predominantemente branca e de elite: Lewis Hamilton, no automobilismo, e Naomi Osaka, do Ténis. O britânico Hamilton é seis vezes campeão do mundo de Fórmula 1, e, em 2020, bateu o recorde como o piloto mais vitorioso da modalidade. Osaka tem nacionalidade japonesa, pelo lado da mãe, e um pai haitiano, e, em 2020, venceu o US Open.

Desde o início da temporada de 2020 da Fórmula 1, após a morte de George Floyd, Lewis Hamilton tem vindo a usar a sua visibilidade para protestar contra a injustiça racial. Um dos pontos mais marcantes foi a sua utilização de uma t-shirt com a mensagem “*Arrest the cops that killed Breonna Taylor*” antes da corrida e depois da sua vitória no Grande Prémio da Toscana. Hamilton tem estimulado que outros pilotos também venham a público apoiar as mesmas causas.

Ele acredita que as suas ações contribuem para chamar atenção para o tema da injustiça racial.

People talk about sport not being a place for politics but ultimately it is a human rights issue and that is something we should be pushing

towards. We have a huge, amazing group of people that watch our sport from different backgrounds and cultures and we should be pushing positive messages towards them, especially for equality. (Richards, 2020)

Na sequência da morte de Jacob Blake, Naomi Osaka disse que iria abandonar o torneio de Cincinnati, onde estava para jogar as semifinais. Entretanto, depois que a organização decidiu fazer uma pausa de um dia para se juntar aos vários eventos desportivos em greve, Osaka voltou atrás em sua decisão e continuou a jogar o torneio. Em seu comunicado, Osaka declarou:

Eu sou uma mulher negra. E, como uma mulher negra, eu sinto que têm muitos assuntos mais importantes acontecendo que precisam de atenção imediata, mais do que me ver jogar tênis. Eu não espero que nada drástico aconteça por eu não jogar, mas se eu conseguir iniciar uma conversa em um esporte majoritariamente branco, eu considero um passo na direção certa. Assistir o contínuo genocídio de pessoas negras nas mãos de policiais me deixa enojada. Estou exausta de ver novas hashtags surgindo e extremamente cansada dessa mesma conversa de novo e outra vez. Quando isso terá um basta? #JacobBlake, #BreonnaTaylor, #ElijahMcclain, #GeorgeFloyd. (Nabeshima, 2020)

Semanas depois, ela foi jogar o Aberto dos Estados Unidos e estabeleceu que usaria uma máscara diferente em cada jogo até a final. Campeã do torneio, ela usou 7 máscaras com o nome de pessoas vítimas de racismo ou brutalidade policial: Breonna Taylor, Elijah McClain, Ahmaud Arbery, Trayvon Martin, George Floyd, Philando Castile e Tamir Rice (As 7 máscaras de Naomi Osaka: campeã do US Open homenageou vítimas fatais do racismo, 2020).

Marco 2: Mulheres em luta

A presença das mulheres no campo desportivo é uma história de luta. Entre proibições e lutas por acesso e igualdade, as mulheres, aos poucos, foram conquistando espaço no mundo desportivo. Entretanto, apesar dos avanços, a participação feminina ainda é mais reduzida do que a dos homens (Goellner, 2005), sendo digno de nota que apenas nos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012, todas as modalidades masculinas tinham uma equivalente feminina.

Apesar de maior integração de género, o desporto competitivo, especialmente o de alto rendimento, continua a ser um espaço de segregação. A atividade desportiva permite a expressão de representações que reproduzem e legitimam certas construções de género: a ênfase em velocidade, força, recordes e elementos quantificáveis valoriza o lado masculino e o coloca em posição hierárquica superior; enquanto o feminino é associado à graciosidade, ritmo, elegância (Pfister & Bandy, 2015).

Rubio e Veloso (2019) falam do protagonismo feminino e a sua entrada no campo desportivo como um ato político e um fenómeno transgressor. Assim, a participação da mulher no desporto é em primeiro lugar uma manifestação política interna ao campo desportivo, mas que também extravasa para questões sociais mais abrangentes. Reconhecendo um vasto manancial de possibilidades, foram selecionados alguns casos que representam lutas dentro do campo desportivo, mas que também apresentam efeitos para a sociedade.

Durante o mês de julho de 2016, várias atletas de diferentes equipas da WNBA, liga de basquete feminino dos EUA, se manifestaram contra a brutalidade policial e a sistémica injustiça racial. Durante o período

do hino e do aquecimento, as atletas usavam t-shirts pretas com dizeres como “*Change Starts with Us*”, “*Justice and Accountability*”, ou relembrando o nome de vítimas e de frases de outras lideranças (Cooky & Antunovic, 2020). Depois de ser escolhida como jogadora do mês na WNBA, Tina Charles usou uma t-shirt preta como forma de protesto ao receber a premiação. Em entrevista ao *New York Times*, ela contou sobre seu envolvimento nas manifestações:

It shows that there’s more to us than putting a ball in a basket. We are women. We have a voice. Oftentimes women are forced to be silent, and that’s why I think it’s really a beautiful thing what we were able to do, very resilient of us to say, “No, this time we’re not going to be silent.” (Berkman, 2016)

Enquanto as manifestações nos desportos masculinos eram iniciativas individuais, centrada em alguns atletas ou algumas equipas, os protestos da WNBA se estenderam a toda a liga. As manifestações na WNBA incluíam várias equipas, atletas negras e brancas, de diferentes contextos sociais e com diferentes orientações sexuais. Devido a maior precariedade das condições profissionais no desporto feminino, pode-se considerar que essas atletas arriscavam mais do que seus pares na NBA, onde as condições de estrelato e financeiras são muito superiores (Cooky & Antunovic, 2020).

Entretanto, em 21 de julho de 2016, a Liga decidiu multar as equipas, em 5 mil dólares, e as jogadoras, em 500 dólares cada, por “violações de uniforme”. Neste mesmo dia, no âmbito do jogo entre New York Liberty e Indiana Fever, as jogadoras se recusaram a responder perguntas sobre basquete, forçando os meios de comunicação a falar sobre os protestos. A atleta Tanisha Wright declarou: “We really feel like there’s still an

issue here in America. And we want to be able to use our platforms, we want to be able to use our voices, we don't want to let anybody silence us in what we want to talk about. So, you guys can ask away about anything that's happening in society". Após manifestações contra a postura da Liga, as multas eventualmente foram canceladas, mas durante esse período o debate sobre as manifestações foram colocados de lado (Cooky & Antunovic, 2020).

Outra ação coletiva promovida por atletas a se ter em conta é a luta por pagamento equivalente. Em 8 de março de 2019, a seleção de futebol feminino dos EUA entrou com uma ação judicial contra a Federação de Futebol do país. Seguindo a tradição de jogadoras como Billie Jean King, a ação judicial foi um dos últimos passos numa longa caminhada de luta pela diminuição da diferença de pagamento e de condições dadas a homens e mulheres. As 27 jogadoras que assinam o processo afirmam que a federação e seus líderes se envolveram em um padrão generalizado de discriminação no emprego com base no gênero, que, segundo as atletas, é mais evidente na forma de disparidades salariais. Elas buscam ter seu caso certificado como uma ação coletiva para incluir todos as jogadoras da seleção desde 2015 (McCann, 2019).

Essa questão ganhou mais corpo após o título mundial vencido em 2015. Tendo em conta a estrutura das seleções de futebol e o trabalho desempenhado, é mais fácil mostrar que as mulheres recebem menos para desempenhar as mesmas funções. Entretanto, as reivindicações das jogadoras eram desvalorizadas com base em argumentos que o futebol feminino não atraía tanto público ou patrocinadores. Por outro lado, em 2019, destacaram-se as reivindicações feitas no processo e outras evidências na construção de narrativas de mérito, o que sugeria

que as mulheres mereciam salários iguais. A seleção feminina de futebol historicamente tem muito mais sucesso que os homens na mesma modalidade, tendo sido campeãs mundiais 3 vezes desde de 1999, além de medalhas olímpicas e maiores audiências televisivas. Os argumentos na ação judicial destacavam a disparidade de prêmios por performance e das condições de trabalho, sejam nas viagens, nos centros de treinamento ou estádios (Cooky & Antunovic, 2020).

Além de ter dado entrada no Dia Internacional da Mulher, na altura, a seleção americana estava a se preparar para disputar o Mundial Feminino da modalidade. Durante toda a trajetória até o jogo final, a questão da equivalência de pagamento foi sendo tratada, chegando ao ponto em que o público no estádio gritou “*Equal Pay*” quando a seleção americana se sagrou campeã do mundo de futebol. Esse processo de discriminação de gênero das equipes acabou por influenciar outras seleções a fazerem o mesmo em seus países, tendo também ultrapassado as fronteiras do campo desportivo, na medida em que a narrativa construída fazia referência às mulheres em todas as esferas do trabalho.

Análise

Após apresentar alguns casos que podem servir como marcos num percurso exploratório, é preciso refletir sobre as rotas possíveis a seguir. Reconhecendo a possibilidade de pontes e interligações de caminhos, serão apresentados aqui possibilidades de análise, que para efeitos de organização estão separadas, mas que podem perfeitamente dialogar entre si.

Rota 1: Entre o Ativismo de Celebidades e o Movimento Trabalhador

O desporto tem uma longa história como arena de contestação racial. Os atletas negros, em particular, usam há bastante tempo o seu estatuto de celebridades desportivas como mecanismo de chamar a atenção do grande público para questões de injustiças raciais. Assim, o campo desportivo é um relevante espaço simbólico de luta e contestação para os negros. As manifestações dos atletas norte-americanos estão intrinsecamente relacionadas ao movimento *Black Lives Matter*, mas não se limitam a isso. Além de toda a história de manifestação de atletas negros, a repercussão e expansão das manifestações contra o racismo no campo desportivo internacional confirma que essas questões ultrapassam as fronteiras nacionais e estão associadas a contestação e resistência a regimes de dominação baseados em histórias coloniais e pressupostos de supremacia racial (Boykoff & Carrington, 2020).

Em associação às suas performances desportivas, os atletas podem usar o espaço que possuem nos media para avançar com questões políticas e sociais. Diferente de muitos ativistas que encontram dificuldade em conseguir espaço, ainda mais com um enquadramento positivo, em meios de comunicação de massa, os atletas conseguem influenciar parcialmente a agenda dos media. Parte desse sucesso está associado ao estatuto de celebridade desportiva que alguns desses atletas possuem.

A força da celebridade desportiva está diretamente relacionada à presença dos meios de comunicação, primeiro com o desenvolvimento da imprensa desportiva e, depois, com o advento da televisão, as características telegénicas do desporto. Na medida em que a indústria do desporto cresceu, também aumentou o poder da celebridade desportiva. Esse processo foi impulsionado pela maior penetração das plataformas mediáticas e o seu uso por empresas patrocinadoras. Considerando a

forte ligação entre o desporto espetáculo, a indústria do entretenimento e o capitalismo pós-moderno, a celebridade desportiva como um produto da cultura comercial, imbuído de valores simbólicos que servem para estimular desejos e identificação no público consumidor (Andrews & Jackson, 2001). A diferença que se coloca recentemente é a possibilidade de autonomia na construção das próprias narrativas, na medida em que os principais atletas conseguem ter um maior domínio sobre a sua própria imagem e sua voz, utilizando as plataformas de redes sociais, influenciando como os patrocinadores poderão enquadrar as suas campanhas publicitárias (Mocarski & Billings, 2014).

Boykoff e Carrington (2020) viram que o enquadramento em torno de Colin Kaepernick nos media foi positivo, apesar de não ter conseguido continuar a sua carreira como jogador. Essa posição foi corroborada pela campanha publicitária da Nike “*Dream Crazy*” que teve Kaepernick como rosto principal dos anúncios, e ainda teve presente outros atletas com fortes associações a lutas sociais, como LeBron James, Serena Williams e a seleção de futebol feminina dos Estados Unidos. A campanha da Nike foi premiada com o no Creative Arts Emmy e contribui para o aumento em 5% das ações da empresa nas semanas seguintes ao seu lançamento (Nike’s ‘Dream Crazy’ advert starring Colin Kaepernick wins Emmy, 2019). Para Cunningham e Regan Jr (2011), o envolvimento em causas sociais pode ser algo positivo para a publicidade, pois transmite qualidades positivas, como confiança, sinceridade e honestidade.

Embora seja importante a capacidade de alcançar um grande público através dos meios de comunicação de massa e anunciantes, assim como manter os meios de subsistência desses atletas, há um risco de cooptação pelo sistema. Após as greves de jogos em agosto de 2020, as

ligas profissionais de desporto nos Estados Unidos passaram a incorporar mensagens contra o racismo, contudo, em especial na NFL, elas chamam atenção pela sua neutralidade e incoerência, como destacou Colin Kaepernick ao mencionar outro atleta que protestou com ele e foi afastado da liga:

While the NFL runs propaganda about how they care about Black Life, they are still actively blackballing Eric Reid (@E_Reid35) for fighting for the Black community. Eric set 2 franchise records last year, and is one of the best defensive players in the league. (Zirin, 2020c)

A posição de atletas negros nascidos, muitas vezes de origem humilde apesar de terem alcançado alguma riqueza, deve ser problematizada em contraposição às posições dos donos das equipas desportivas nos Estados Unidos, em sua grande maioria, homens brancos com património em milhões ou bilhões. Apesar de lançarem mensagens contra a injustiça racial e a violência policial, muitos dos proprietários de equipas da NBA tomaram uma posição antagónica aos jogadores e fizeram doações a políticos que tentam vetar uma legislação na Assembleia que tornaria mais fácil a prisão de policias em casos de assassinato (Gonzalez, 2020). Aumentando o espectro da amostra para os donos de equipas nas diversas ligas profissionais de desporto nos EUA (MLB, MLS, NBA, NFL, NHL e WNBA), estima-se que os 183 proprietários de 161 equipas, desde janeiro de 2019, fizeram doações a políticos e candidatos, no âmbito federal, no valor de 14,6 milhões de dólares, com aproximadamente 86% das doações para o Partido Republicanos (Armour & Schad, 2020). Esse é o partido do Presidente Donald Trump, que em 2017, durante a campanha ao Senado, chamou os jogadores que

protestavam de “*Son of Bitches*”, clamando que os donos das equipas demitissem os jogadores (Gottlieb & Maske, 2017).

A oposição entre donos das equipas e jogadores reflete um tradicional posicionamento nos movimentos sociais. De um lado estão os donos dos meios de produção, isto é, os patrões, e do outro lado está a mão de obra, isto é, os trabalhadores. O crescimento económico da indústria do desporto e o enriquecimento dos atletas, em especial daqueles que têm voz para se manifestar contra as injustiças raciais, esconde uma relação laboral que existe no seio dessas equipas. Sob esse ponto de vista, torna-se ainda mais elucidativo que em protesto, os jogadores de diversas ligas tenham decidido não entrar em campo, fazendo greve, que é o grande instrumento de luta dos trabalhadores. Na NBA, o sindicato dos jogadores se mostrou forte e presente durante a negociação para o retorno das competições, mostrando que o caminho para retomar a ligação do desporto com a política pode ser através do fortalecimento das associações e sindicatos de atletas e a sua ligação com os movimentos sociais.

Rota 2: Campo Desportivo como espaço de disputas políticas

Apesar das tentativas em evitar a política do campo desportivo, os grandes eventos foram frequentemente usados para manifestações e por movimentos sociais. Entre casos famosos e históricos estão: a invasão do Epsom derby, em 1913, pela sufragista britânica Emily Davison (que veio a morrer atropelada pelo cavalo do rei George V na sequência), os punhos cerrados de Johh Carlos e Tommie Smith, do movimento Panteras Negras, no pódio, na Cidade do México, em 1968, os atentados

durante os Jogos de Munique, em 1972, e, mais recentemente, atletas em prol das causas homossexuais nos jogos olímpicos de inverno em Sochi 2018.

A própria organização de megaeventos desportivos é um acontecimento com muitas implicações políticas e sociais. Na última década, viu-se a utilização desses eventos como ferramenta de *soft power* (Leite Jr., & Rodrigues, 2019), assim como aumentou o debate sobre os impactos económicos e sociais nas cidades-sede (Coakley & Sousa, 2013; Damo & Oliven, 2013; Marques & Rocco Jr, 2018), remetendo a aspetos negativos da sua implementação, em especial em relação aos despejos em massa de pobres por interesses de gentrificação urbanística e a utilização dos chamados “elefantes brancos” (Mascarenhas, 2016). O entendimento de que a maior parte das consequências de receber um grande evento desportivo era negativo contribuiu para a organização de movimentos sociais contrários a sua realização, especialmente como é o caso em países desenvolvidos que algumas cidades disseram não a chance de sediar um evento (Munique, Boston, Hamburgo) ou estão a se mobilizar para protestar contra a realização dos jogos olímpicos em Tóquio, Paris e Los Angeles (Boykoff, 2020).

Como se nota, a relação entre desporto e política é inegável, embora haja constantes tentativas de apagar essa ligação. Como estratégia para conseguir a sua autonomia enquanto um campo social próprio, as autoridades desportivas adotaram uma posição de negação da política, reforçando que a prática desportiva tinha uma finalidade em si mesma. O desenvolvimento do profissionalismo e a espetacularização do desporto contribuíram para essa estratégia de autonomização em relação aos campos da política e da educação (Defrance, 2000).

Contudo, essa neutralidade política do campo desportivo é muito frágil. Por um lado, ela é hipócrita, pois serviu historicamente para silenciar opositores e apoiar regimes políticos autoritários (Drumond, 2009). Por outro lado, há uma série de atletas que se posicionam como ativistas. O desporto em alta performance e o sucesso atlético oferecem aos jogadores um estatuto de sucesso e conquista, que acabam por se tornar um importante capital simbólico para lideranças, como ativistas políticos (Valiente, 2019).

O universo de atletas de alto rendimento é bastante restrito, e se torna ainda mais reduzido se acrescentarmos a componente do ativismo. A participação em desportos de alto rendimento pode fazer do atleta uma figura pública, de modo que alguns atletas desenvolvem uma consciência social, estando atento ao que influencia a vida das pessoas, de maneira positiva e negativa. Isto pode se desenvolver a partir das muitas viagens e contatos com diferentes realidades a que estão sujeitos os atletas de alto rendimento. Outra motivação para o ativismo advém da capacidade de angariar respeito e prestígio nacionalmente ou em esferas internacionais, consequentemente superadas barreiras étnicas, classes sociais e inclinações ideológicas. Assim, atletas de alto rendimento podem ser grandes líderes na medida em que conseguem mobilizar uma população grande e variada (Valiente, 2019).

A participação em ações de caridade, de maneira apolítica, é vista, frequentemente, com bons olhos. Entretanto, um posicionamento ativista direcionado a problemas estruturais da sociedade gera reações de que o desporto não é espaço para política. Cooky e Antunovic (2020) argumentam que os casos apresentados de protestos na WNBA e da seleção de futebol feminino dos EUA mostra como há diferentes enquadramentos

e hierarquias no relato das manifestações. As autoras afirmam que num nível, as jogadoras de basquete são colocadas em um segundo plano em relação às ações de Colin Kaepernick e outros protestos de jogadores, pois o desporto masculino é posto, sistematicamente, em primeiro lugar, retirando o protagonismo e valor às mulheres mesmo que elas tenham sido pioneiras, manifestando-se antes mesmo que Kaepernick. Num segundo nível, as reivindicações das atletas da WNBA não são enquadradas de forma tão positiva como as exigências de equidade de pagamento das atletas do futebol. Cooky e Antunovic (2020) explicam que ir contra problemas sistêmicos e estruturais da sociedade, como é a injustiça racial, gera mais desconforto na população do que uma luta por melhores condições de trabalho e pagamento, mais facilmente assimilado por uma lógica neoliberal.

Os casos de manifestações femininas salientam outro eixo de disputa política dentro do campo desportivo. Podemos identificar um nível interno, no qual as mulheres lutam por mais espaço e melhores condições, com objetivo de alterar a disposição de forças do campo desportivo. Outro nível é transversal ao campo desportivo, na medida em que ultrapassa o que vai dentro “das quatro linhas” e toca em questões sociais e/ou sistêmicas. Assim, considerando a constante necessidade de lutar pelo seu lugar dentro do campo desportivo, não é de surpreender que as manifestações políticas por parte das mulheres apresentem características mais coletivas, assim como mais críticas do sistema.

Conclusão

Os casos analisados mostram que há um movimento de crescimento do ativismo de atletas. Numa das rotas, nota-se um ativismo ancorado na posição de celebridade de certos atletas, em que a sua orientação política está associada a estilos de vida e outros elementos que são consumidos pelo público. Assim, a relação comercial pode desviar as manifestações para um aspeto estético em que importa mais a marca individual e coletiva de quem se manifesta. A ligação com elementos comerciais não é necessariamente perniciosa em si mesmo, pois nela também estão assentes a possibilidade de construir credibilidade e lideranças alargadas, assim como a origem social dos atletas mostra a sua posição enquanto força de trabalho em oposição às forças conservadoras, representadas pelos donos de equipas e dirigentes de federações.

Noutra rota, nota-se que há disputas que se relacionam com as estruturas de poder internas ao campo desportivo. O posicionamento das mulheres como atletas já é transgressor em sua origem, de modo que toda a trajetória desportiva dessas atletas é permeada de questões políticas, tanto a nível interno quanto externo. Isso se reflete na capacidade de mobilizar pessoas de diferentes raças, origens sociais e orientações sexuais em suas manifestações, que tomam mais frequentemente formatos coletivos, embora também sofram mais com as reações conservadoras do sistema.

Em comum, podemos ver o objetivo de se expressar e dar voz a setores marginalizados da sociedade. A relação simbiótica entre os media e o desporto permite que os atletas de alta performance tenham espaço constante na imprensa e possam influenciar a agenda noticiosa. Diferente de atletas ativistas de gerações anteriores, que dependiam dos media tradicionais para difundir a sua voz, hoje é muito mais difícil

silenciar aqueles que fogem da norma e questionam o sistema. Através das redes sociais e dos media online, muitos atletas conseguem construir as suas próprias narrativas e se expressar diretamente para o público, em alguns casos com mais seguidores e audiências que meios tradicionais.

Esse aspeto narrativo, de dar voz e visibilidade a causas e grupos pouco presente nos media configura uma terceira rota de futuro para a investigação. Enquanto disputa interna, por melhores condições de trabalho dentro do campo desportivo, o ativismo de atletas pode ter contornos tradicionais dos movimentos sociais, a ênfase em chamar atenção do público para certos problemas sociais reforça a função fática do ativismo de atletas, se aproximando do ativismo mediático.

Por fim, uma quarta rota poderá analisar de forma mais alargada e quantitativa a presença de atletas em movimentos e ações em causas sociais. Essa linha de investigação permitirá avaliar a eficiência da sua participação, assim como comparar o tipo de enquadramento político, entre uma abordagem mais direcionadas aos problemas sistémicos e estruturais da sociedade ou em casos pontuais e campanhas humanitárias, mais facilmente aceites pelo status quo.

Referências

- Adande, J. (2014, Dezembro 10). Purpose of “I Can’t Breathe” T-shirts. *ESPN*. https://www.espn.com/nba/story/_/id/12010612/nba-stars-making-statement-wearing-breathe-shirts
- Andrews, D., & Jackson, S. (2001). Introduction: Sport celebrities, public culture, and private experience. In D. Andrews & S. Jackson *Sport Stars: The Cultural Politics of Sporting Celebrity* (pp. 1-19). Routledge.

- Armour, N., & Schad, T. (2020, Outubro 2). Sports team owners listen to players, but support Republicans to the tune of millions of dollars. *USA Today*. <https://eu.usatoday.com/in-depth/sports/2020/10/01/election-2020-sports-team-owners-support-republicans-millions/3562973001/>
- As 7 máscaras de Naomi Osaka: campeã do US Open homenageou vítimas fatais do racismo. (2020, Setembro 13). Recuperado de <https://globoesporte.globo.com/tenis/noticia/as-7-mascaras-de-naomi-osaka-campea-do-us-open-homenageou-vitimas-fatais-do-racismo.ghtml>
- Berkman, S. (2016, Julho 30). Quiet protest helped Tina Charles find her voice. *The New York Times*. <https://www.nytimes.com/2016/07/31/sports/basketball/tina-charles-new-york-liberty-wnba-protest.html>
- Boykoff, J. (2020). *Nolympians: Inside the Fight Against Capitalist Mega-Sports in Los Angeles, Tokyo and Beyond*. Fernwood Publishing.
- Boykoff, J., & Carrington, B. (2020). Sporting dissent: Colin Kaepernick, NFL activism, and media framing contests. *International Review for the Sociology of Sport*, 55(7), 829–849. <https://doi.org/10.1177/1012690219861594>
- Carrington, B (2010). *Race, Sports, and Politics: The Sporting Black Diaspora*. SAGE.
- Coakley, J., & Sousa, D. (2013). Sport mega-events: Can legacies and development be equitable and sustainable? *Motriz*, 19(3), 580-589.

- Cooky, C., & Antunovic, D. (2020). “This Isn’t Just About Us”: Articulations of Feminism in Media Narratives of Athlete Activism. *Communication & Sport*, 8(4–5), 692–711. <https://doi.org/10.1177/2167479519896360>
- Cunningham, G. B., & Regan, M. R. (2012). Political activism, racial identity and the commercial endorsement of athletes. *International Review for the Sociology of Sport*, 47(6), 657–669. <https://doi.org/10.1177/1012690211416358>
- Damo, A., & Oliven, R. (2013). O Brasil no horizonte dos megaeventos esportivos de 2014 e 2016. *Horizontes Antropológicos*, 19(40), 19-63.
- Defrance, J. (2000). La politique de l’apolitisme. Sur l’autonomisation du champ sportif. *Politix*, 13(50), 13-27.
- Drumond, M. (2009). Vargas, Perón e o esporte: propaganda política e a imagem da nação. *Estudos Históricos*, 22(44), 398-421. <https://doi.org/10.1590/S0103-21862009000200005>
- Goellner, S. (2005). Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. *Pensar a prática*, 8(1), 85-100.
- Gonzalez, J. (2020, Setembro 24). The Political Donations of NBA Owners Are Not So Progressive. *The Ringer*. <https://www.theringer.com/nba/2020/9/24/21453818/nba-owners-political-donations-trump-gop>

- Gottlieb, J., & Maske, M. (2017, Setembro 23). Roger Goodell responds to Trump's call to 'fire' NFL players protesting during national anthem. *The Washington Post*. <https://www.washingtonpost.com/news/early-lead/wp/2017/09/22/donald-trump-profanelly-implores-nfl-owners-to-fire-players-protesting-national-anthem/>
- Leite Jr., E., & Rodrigues, C. (2019). A geopolítica do futebol em transformação: o caso chinês. *FuLiA*, 3(2), 28-50. <https://doi.org/10.17851/2526-4494.3.2.28-50>
- Marques, J. C., & Rocco Jr., A. (Eds.). (2018). *Qual o legado? Leituras e reflexões sobre os Jogos Olímpicos Rio 2016*. Cultura Acadêmica.
- Mascarenhas, G. (2016). A produção da cidade olímpica e os sinais da crise do modelo globalitário. *Geosp – Espaço e Tempo*, 20(1), 52-68.
- McCann, M. (2019, Março 8). Inside USWNT's New Equal Pay Lawsuit vs. U.S. Soccer—and How CBA, EEOC Relate. *Sports Illustrated*. <https://www.si.com/soccer/2019/03/08/uswnt-lawsuit-us-soccer-equal-pay-cba-eoc-gender-discrimination>
- Mocarski, R., & Billings, A. C. (2014). Manufacturing a Messiah: How Nike and LeBron James Co-Constructed the Legend of King James. *Communication & Sport*, 2(1), 3–23. <https://doi.org/10.1177/2167479513481456>
- Nabeshima, R. (2020, Setembro 12). A força por trás das sete máscaras. *Break Point*. <https://globoesporte.globo.com/tenis/blogs/break-point/post/2020/09/12/a-forca-por-tras-das-sete-mascaras.ghtml>

- Nike's 'Dream Crazy' advert starring Colin Kaepernick wins Emmy (2019, Setembro 16). <https://www.theguardian.com/sport/2019/sep/16/nikes-dream-crazy-advert-starring-colin-kaepernick-wins-emmy>
- Pfister, G., & Bandy, S. (2015). Gender and Sport. In R. Giulianotti (Ed.), *Routledge Handbook of the Sociology of Sport* (pp. 220-230). Routledge.
- Richards, G. (2020, Setembro 24). Lewis Hamilton says BLM protest is human rights issue, not about politics. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/sport/2020/sep/24/lewis-hamilton-black-lives-matter-protest-human-rights-issue-not-politics>
- Rubio, K., & Veloso, R. C. (2019). As mulheres no esporte brasileiro: entre os campos de enfrentamento e a jornada heroica. *Revista USP*, (122), 49-62. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i122p49-62>
- Strauss, E. (2012, Março 23). LeBron James, Dwyane Wade Promote Solidarity on Trayvon Martin. *Bleacher Report*. <https://bleacherreport.com/articles/1117166-lebron-james-dwyane-wade-promote-solidarity-on-trayvon-martin>
- Thomas, J. (2016, Agosto 28). Colin Kaepernick will continue to sit during the national anthem. *SB Nation*. <https://www.sbnation.com/2016/8/28/12684014/colin-kaepernick-will-continue-protest-national-anthem>
- Valiente, C. (2019). Sport and social movements: Lili Álvarez in Franco's Spain. *International Review for the Sociology of Sport*, 54(5), 622-646. <https://doi.org/10.1177/1012690217733679>

Wallace, A. (2020, Julho 30). With the words on their backs, NBA players take a stand. *The Washington Post*. <https://www.washingtonpost.com/sports/2020/07/30/nba-social-justice-jerseys-names-messages/?arc404=true>

Zirin, D. (2020a, Junho 16). NBA Players Face the Question: To Boycott or Not to Boycott. *Edge of Sports*. <https://www.edgeofsports.com/2020-06-16-1534/index.html>

Zirin, D. (2020b, Agosto 26). We've Entered the Era of 'Branding for Black Lives'. *Edge of Sports*. <https://www.edgeofsports.com/2020-08-26-1550/index.html>

Zirin, D. (2020c, Setembro 14). NBA Players Face the Question: To Boycott or Not to Boycott. *Edge of Sports*. <https://www.edgeofsports.com/2020-09-14-1556/index.html>